

Guimarães, 12 de Fevereiro de 1921

Ano 3.º (2.ª fase)

A VELHA GUARDA

26 de Fevereiro de 1921

leve luxo de dinheiro que  
comercio e cultivo do reino.  
Bem o assinado, colorem  
que os 30 dias, e certos  
AGOSTINHO FERNANDES ROCHA.

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA

## Uma data histórica

Deixou a fúria da metade da vida de ambiciosos, tinha declinado, por completo, o sol agosto da liberdade que a todos cobria, igualmente, com desrelado afecto e carinho.

Seguia-se-lhe um horizonte pardacento e misterioso, precursor da proxima tempestade que causava receios.

Uma formidável montanha de obstáculos erguiu-se à nossa frente e que, a todo o custo, era necessário vencer para bem da Pátria e da República em perigo.

Em Lisboa, depois de ter vencido uma revolução frívola e de se ter proposto, como único e absoluto senhor do país o «grande morto», com a máscara da hipocrisia afivelada no rosto guerreando e expulsando de si os verdadeiros e dedicados republicanos, servia-se dos declarados e perigosos reacionários, colocando-os nos lugares públicos de mais alta categoria, enquanto que por toda a parte e principalmente no norte, chamadas Juntas, Militares e abertura das Camaras faziam política genuinamente narra.

Vivia-se em sobressalto, com os corações a transbordar de dílacerante angustia e de indizível anseio.

O país, governado unicamente por incompetentes, qual fragil barquinha a vogar no meio dum mar encapelado de ondas, caminhava a passos largos para um medonho precipício que a seus pés se abria.

Rehavá por toda a parte o terror.

Em cada pensamento havia um mastim de guarda e grossas cadeias prendiam os pulsos, impedindo de tal forma a realização duma vontade humana.

Apezar disso, nunca arrefecera a acalentadora esperança que em nossos sebos se alimentava, o desejo de salvar a Pátria das garras aduncas da miserável canalha que lhe preparava a ruina.

Porem, em cada dia que chegava, novos obstáculos se levantavam, novas deceções se sofriam.

Era o bramir furioso da tempestade, de relampagar assustador e tristeza incessante, depois dum esplêndida tarde primaveril.

Por toda a parte havia descontentes e sacrificados que gemiam sob o peso das abobadas das prisões ou debaixo do céu, carregado e triste, do exílio.

Faziam-se perseguições e sa-

O ser republicano era considerado um crime.

Não contentes, porém, os monarcos preparam-se para destruir a República.

Era a ambição de governar a tentá-los, o desejo de poder e mandar a impeli-los.

Morto Sidónio Pais, a situação ainda mais se agrava.

Os republicanos, que eram detidos nas prisões, enquanto que outros abandonando os seus lares e despedindo-se de suas famílias, procuravam longe da Pátria o socorro que em suas terras não podiam ter.

Os Centros da democracia eram assaltados pelos bandidos da realeza, quebrando as mobílias e inutilizando as bibliotecas;

a propriedade alheia era, a qualquer hora do dia, invadida e todo o pacato cidadão que passasse era, em qualquer praça pública, vítima do azorrague dos malfeitos, que a capa dos governantes protegia.

O povo, num constante bradar de indignada reprovação e de revoltada intolerância, dava prova de manifesta impaciência e de plausível descontentamento.

Era preciso combatê-los, ou casasse o que custasse, o opinião

Era necessário repelir a afronta que nos lançavam, evitar o perigo que se aproximava.

Na capital, aonde a fúria desse sceleratos não tinha chegado, as tropas republicanas preparam-se para os derribar.

Pouco tempo tardou em que, em Estarreja, Vila Real e Regoa, eles não fossem derrotados, embora os boatos que propagavam disssessem o contrario.

Em Monsanto, também, depois de terem sofrido uma derrota formal, tiveram de fugir em completo desalinho.

O perigo ia desaparecendo e a tempestade serenando.

Contejava pouco a pouco a romper o sol esplendoroso da liberdade que de há muito tinha declinado.

Ia, porém, tardando a hora da redenção e da vitória.

Mas essa não se fez esperar muito. A voz alta dum valente militar mil aflictivas vozes lhe responderam, mil indignados bravos o acompanharam.

Rompera, enfim, o desejado sol em scintilações de luz, que a todos aquecia e iluminava.

Não obstante as derrotas que sofreram, e em que deram sobrejas provas de fraqueza e em que se mostrou ao mundo inteiro qual a força e a ideia da maioria do povo do país, os monárquicos continuam ainda urdindo a telha duma conspiração, convictos duma vitória certa.

Que loucura!

Ao celebrar-se essa memorável e gloriosa data que a história pátria tornara imortal, eu saúdo

os valentes e heroicos defensores

## O 13 DE FEVEREIRO

de vozes que deixavam antever algumas coisas de anormal. De

muitos labios estavam suspensos uns nomes: «coluna relâmpago»,

«voadora» e «falsa». Outros,

de quem não se jogava o nome, eram Abel Hipólito, Manoel Maria Coelho e outros. Tudo dava

a entender que se jogava a sorte das armas. Apertavam-se os corações dentro do peito, presumia-se qualquer desenlace fatal. A ultimata que

no Monte Pedral instalara o seu covil exhalava os ultimos

afraços, debatia-se numa agonia fôrçada, cheia de res

tituições e remorsos.

A desilusão ia ser fêrtil, porque o morto levantava-se

para sepultar o coxeiro. Fala

última vez os correligionarios

nossos, eram mimoseados e golpes de chicote nos tribu

nos da inquisição, pois vinha

o periodo dia almejado da liberdade e do resgate.

Já Cosaceiro, rebentou sua

tropa fôndang, fugiu espavorido quando o sol da glória

rasgou a faga o treze de Fevereiro dia de maximo esplendor para os corações oppres

sos, só alimentados pela expectativa de melhores dias. Ao

grito de liberdade eis que surge em cada mão uma espada,

franqueiam-se as portas das cadeias e uma onda fornida

de sacrifícios correu as armas, ferrou fôrças e sulcou

a República, aquela República que marca o seu triunfo em 5 de Outubro de 1910,

aquela República que o povo fez nas ruas da capital e que a ninguém resiste o direito de aniquilar, mas sim o de

a defender e amar, para que possa triunfar sempre nas lutas a braço armado.

Faz hoje dois anos que

vós, meus amigos, sentistes

vibrar na alma a sua corda

mais sensível. E hoje que em

confraternização, soleira

este dia fôustoso que a todos

estrou dedicações e sacrifícios

fôlgai, folgai porque a Repú

blica é dos republicanos, assim

como a monarquia é dos monárquicos. Mas aliás, amigos!

A luta continua ainda,

prometendo eternizar-se se

não nos decidirmos dum

vez, a impôr respeito ao inimigo.

Acaso gelou-se vos o sangue nas veias? Não o acredo.

Um republicano nunca

esmorece, nunca conhece o desânimo e sempre firme e

teal, nesse momento oportuno

oferece ao ideal que professa,

## Noticiario

Mariano Felgueiras

Passou no dia 8 do corrente

o aniversário natalício da

nossa querido amigo e emi-

hente correligionario Ex

Sur. Mariano Felgueiras, di-

gnissimo presidente da Co-

missão Municipal Política do

P. R. P. destê concelho.

Embora tardivamente,

Vella Guarda felicita-o mu-

to sinceramente e apresenta-

lhe o seu cartão de respeito

e cumprimentos.

## Teatro D. Afonso Henriques

Realiza-se na proxima terça-feira, 15 do corrente, no nosso

primeiro teatro, um grandioso es-

pectáculo pela «Tournée Ardalan

can sob a direcção do conhecido

e popular actor Vidal (filho),

sendo a cena a peça em 5 actos

João do Telhado.

Os poucos bilhetes que restaram

encontram-se à venda na Tab

caria Haranete e Barbearia S

mão Costa, à rue 31 de Janeiro,

é causa que serve, o vigor do

seu brago.

Se for preciso morrer, fa-

çamo-lo com honra, à maneira

de portugueses antigos, como

cavaleiros da Legião Democra-

ta que a dentro do regi-

men fulguram como astilenes

e relâmpagos. Quando, por ven-

tura, o cansaço das fadigas

políticas nos abste a fé viva

do nosso ideal devemos beber o balsamo de que encaramos

para revigorar nos nomes

acquilados de Afonso Costa,

Miguel Bombarda,

Francisco

Borges

e tantos outros

mártires

que

nos

advo-

gados

da

nos

## REI CAÇADOR!

Farçantes! Que indignidade à vossa! Nada respeitais!

Nem a inteligência e cultura dos vossos leitores, nem a paz dos tumultos vos merecem respeito! Tudo vos serve, contanto que consigais o vosso fim. Para vós não ha sentimentos que merecam consideração. Bandidos!

Descaradamente, patenteais no ultimo numero do «Gil Vicente», os vossos infames processos de sempre. Sóis sempre os mesmos!

Durante a vida do rei que pranteais agora, não houve injuria que lhe não atirasseis, não houve lama com que o não sujassem. A vossa furia era tão grande que nem sequer tinheis o decôr de poupar a vossa rainha.

E tão grande é o hábito que ainda conservais de o ferir com as vossas críticas que apesar de virdes em travesti — era no Carnaval — de carpideira, para enganar os ingenuos, não podesteis deixar de lhe atirar a vossa ferroada.

Sim. Esta de rei caçador não está má! Foi tão vasta, o seu reinado que nada melhor encontrasteis para o classificar do que o epiteto de Caçador.

Afinal, o vosso rei, maior entre os maiores reis, saiu-nos apena isto: rei caçador!

Como ele, se pudesse, se levantaria do tumulo e vos correria a chicote, a vós que nem depois de morto o queréis deixar descansado, o respeitais.

Todo esse choro desabrido — lagrimas de crocodilo — não tem outro fim senão fazer a vossa política, tocar a teia da sentimentalidade, para conseguir os vossos miseráveis fins.

Já te matei, mascarado!

E ele que, supondo que o país era vós, chamava a isto uma piolheira, também vos conhecias bem. Ele sabia que a vossa indignidade era tão grande, que as vossas convicções eram tão falsas que dizia que isto era uma monarquia sem monárquicos.

Conhecia-vos bem. Sim, tinha razão quando, vendendo o país através de vós, dizia que isto era uma piolheira.

E na verdade se tendes causado alguns embarracos à República é por ela não ter usado contra vós da única arma de que devia usar — pôs de Keating.

FERNANDO AUGUSTO.

31 de Janeiro de 1891

Como prometemos no nosso numero anterior, publicamos na integra a carta, sobre todos os titulos notável, que o eminentíssimo democrata e ardente revolucionário de 31 de Janeiro, Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Chagas, dirigiu á Comissão portuense organizadora da comemoração desti gloriosa jornada, que, d'lgamo-lo de passagem, foi este ano, na cidade Invicta, solene e vibrantíssimamente comemorada.

Foi uma homenagem altissima, um preito de saudade bem sentida, enfim, uma apotheotica consagração aos glóriosos mártires que tão heroica e abnegadamente, pela primeira vez, tinjiram com o seu sangue generoso as ruas do altivo e inexpugnável Baluarte das Liberdades Patrias.

## Uma carta de João Chagas

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente: — Tenho a honra de aconselhar a recepção da carta d. V. Ex.<sup>mo</sup>, de 8 de Janeiro, confidando-me em nome da Comissão da sua digna presidência a assistir á comemoração que vai fazer-se no Porto, do 30.<sup>o</sup> aniversário da Revolução do 31 de Janeiro.

A despeito da alta significação que tem para mim esta data histórica e do vivo prazer que eu sentiria em me encontrar, volvidos tantos anos, no meio daqueles que a vão celebrar, não me é possível, com grande pesar meu, corresponder ao convite que V. Ex.<sup>mo</sup> me dirige em termos tão particularmente amáveis. As funções do cargo que desempenho impedem-me de o abandonar nesta época do ano, mas quando pudesse fazê-lo, o estado da minha saúde não me permitiria. São portadores desta carta os meus queridos amigos drs. Vasco de Oliveira e Eduardo dos Santos Silva os quais informarão V. Ex.<sup>mo</sup> a este respeito, com a sua especial autoridade de medicos.

Não volto assim a ver o Porto, trinta anos depois daquela manhã de nevoeiro — pois que o foi de nevoeiro e denso — em que eu, de cima das janelas da Relação, escutava com a alma em sobressalto, os primeiros passos da Revolução. E que magia não tinha então esta palavra para os nossos espíritos juvenis!

O nosso país tem sido tão perturbado por agitações revolucionárias que o nobre significado da palavra Revolução, por assim dizer, abastardou-se e perdeu-se. Não tem havido desordem no decurso destes ultimos dez anos, que não se tenha condecorado com este nome; não tem havido desordem que ao sair para a rua não tenha anunciado que vai fazer a Revolução.

Querendo exprimir que a República é o regime sobre todos secundado que não detém a marcha a nenhuma reivindicação legítima, Gambetta disse um dia: — «A República é a revolução que continua.» No nosso país este conceito foi tomado ao pé da letra.

As ideias inspiradoras da revolução de 31 de Janeiro não tinham nada de comum com as de uma agitação. Ao descerem à ruas nessa manhã distante, os homens que primeiro deram à República o sacrifício da sua vida e o do seu destino, não pretendiam satisfazer ambições ou saciar ódios. O seu objectivo era mais alto e mais puro, tão alto e puro que eles próprios não o saberiam precisar.

A Revolução de 31 de Janeiro foi a resultante da mais violenta crise de paixão patriótica que ainda perturbou os corações portugueses. A mocidade de hoje não pode julgarla. Nunca se viu uma Nação pôr-se tão unanimemente a pé, a toda a altura do seu orgulho ferido. Nunca ressoou entre homens da mesma terra um clamor tão unisono, um grito tão lancinante de patriotismo ofendido. A revolução de 31 de Janeiro foi um movimento de patriotas. A República foi o labaro do seu patriotismo. O que pretendiam eles? Desagravar a nação. A República foi esse desagravo. Viva a República gritaram então, mas nunca grito de guerra resumiu, com mais espetacular ardor, aspirações mais puras. Aqui não se tinha em vista servir tal ou tal ambicioso, tal ou tal ambição. Os homens que empreenderam a Revolução de 31 de Janeiro não sabiam ao descer à praça pública qual seria no dia seguinte o governo. A propria lista da Junta Provisória foi improvvisada a uma janela da Câmara. Neste de interesse, nesta imprevidência, nesta imprudência mesmo, reside a nobreza desse movimento ao qual, para tudo faltar que pudesse de qualquer modo impedi-lhe o carácter de uma aventura política, até faltou um chefe. Por isso os revolucionários do Porto foram qualificados de loucos.

Não só, porém, em vão que esse punhado de loucos fez o sa-

crifício da sua vida e se votou à desfeita das ideias generosas que serviram de invocação à Revolução de 31 de Janeiro. Mais felizes ou mais oportunos do que eles, vinte anos depois, os homens de 5 de Outubro completaram a sua obra e a República veio.

Realizou ela o nosso sonho? Correspondeu ela às nossas esperanças? A República não merece que a recriminemos. Os regimentos políticos são bons ou maus, fecundos ou infértils na medida do valor dos homens que os cercam. Não ha instrumento de governo, por mais aperfeiçoado, que mal utilizado prove bem. O utensilio vale o que vale o operário que o maneja.

A República entrou na cena política sem decisão. Tinha sido preciso instala-la desde logo como uma soberania legítima que toma posse do que é seu. Dessa soberania os republicanos não tiveram evidentemente a plena consciencia e, assim, o que vimos? Vimos que a maior preocupação da República, ao ocupar o poder, foi a de não deslocar interesses. Como se isso fosse possivel!

Quando um regimento cai e outro se levanta, diz Ledru Rollin, cava-se entre um e outro um abismo que é necessário ter a coragem de saltar a pé juntos.

A República não teve a coragem de dar esse salto e começando por misturar o futuro com o passado, na sua absurda preocupação de conquistar este em beneficio daquele, o que fez afinal foi criar na ordem moral a confusão e na ordem política o equívoco. Até que ponto essa confusão e esse equívoco foram funestos, dizem-no dez anos de lutas sempre renovadas e finalmente a guerra civil.

O erro fundamental dos homens da República foi o de não compreenderem que ela suscitará um erro irreparável, não entre dois principios entre os quais sempre pode haver composição, mas entre duas sociedades de educação e de mentalidade diferentes e structuralmente incompatíveis. Tudo quanto fosse querer amalgama-las e fazê-las prosseguir um objectivo comum era erro crasso de ordem política e de ordem psicológica. Era o que se chama não conhecer os homens. Esse erro no entanto se praticou e ainda é ele que divide a República.

Mas se o regimento republicano entrou na cena política sem aquele aprumo e aquela firmeza de passo que são proprios das soberanias legítimas, fundou ele ao menos o exercício da sua acção numa forte autoridade?

Nem isso.

A República tem sido em Portugal o poder que não se teme.

Sem leis e sem sanções e não usando aplicá-las, sem forças seguras que a sirvam e não sabendo organiza-las, sempre receosa de cair no arbitrio e caindo sempre na desordem, não sabendo nunca onde começa e onde acaba o seu direito, desarmada, impotente, à mercê de todas as aventureiros e de todos os aventureiros, dando a uns o espectáculo de um poder sem energia e a outros o espetáculo de um sistema sem estabilidade, ocupando há dez anos a atenção pública com a crónica das suas rixas e não lhe anuncianto nunca que as sonha reprimir de vez e que entron de vez no caminho da ordem, saindo sempre triunfante das lutas generosas que os seus amigos empreendem para a salvar e não ousando nunca tirar do seu triunfo as conclusões necessarias, a República tem se assim traduzido, ela que se apoia na maior, na mais robusta, na mais bela força de opinião que ainda secundou um sistema político, pela mais depravado das nossas fraquezas.

No entanto que força nova, que força prometedora não magna desafia soberania! E como, no meio de tantas perplexidades e vicissitudes ela vai abrindo caminho a um Portugal diferente! A República não tem dado, talvez, satisfação ao

nosso orgulho de democratas, mas é preciso clamarlo: ela trouxe aos nossos corações de patriotas os seus primeiros jubilos. Foi ela quem passando por cima dum barreira de ogoismos, conduziu Portugal ao mais elevado pincar da história da humanidade; foi ela quem resgatou a raça do labou da decadência, mostrando-a ainda capaz de grandes coisas; foi ela quem afirmou o poder da sua vitalidade; foi ela quem lhe assegurou um lugar indisputável entre as nações que tem o direito de viver.

Se mais não tivesse feito a República teria assim cumprido a sua missão patriótica e os seus precursores mortos poderiam repousar na certeza de não haverem consumado um sacrifício vão.

Peço-lhe, sr. presidente, aceite a expressão dos meus sentimentos de confraternidade. — (a) João Chagas.

## ANUNCIOS

## Editos de 30 dias

(2.<sup>a</sup> publicação)

Pelo juizo de Direito desta comarca e cartório do escritório abaixo assinado, correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação, citando o interessado João Pinto de Carvalho, viúvo, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para todos os termos do inventario orfanológico a que se procede por obito de sua mãe Ana Ferreira Marques, casada e moradora que foi no lugar do Aico, freguesia de Serzedo, desta comarca.

Guimarães, 26 de Janeiro de 1921.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimaraes

O escrivão do 4.<sup>o</sup> ofício,

Hermínio Ferreira Botelho

## Lelião de penhores

No dia 20 de março, pelas 9 horas da manhã, na casa penhorista da rna do Gravador Molarinho n.<sup>o</sup> 39 a 43, junto ao tribunal desta cidade (antiga casa Veloso), proceder-se há ao leilão dos penhores abandonados.

Pede-se aos srs. mutuários o favor de pagarem os juros em débito até ao dia 10 do referido mês.

Guimarães, 10 de Fevereiro de 1921.

Os proprietários,

Ernesto Teibão & Companhia.

## VENDE-SE

Uma motocicleta ALLRIGHT 5-7 H. P., em bom estado de conservação.

Informa: Drogaria Fernandes Guimaraes & Irmão, Sucessor. Rua da República, 84-92.

## Ouro Velho

Compra-se

PELO MAXIMO PREÇO

RUA DA LIBERDADE, 5-2.

Pianos Vendem-se diversos para estudo.

Falar nesta redacção.

## Papel de impressão

Equal ao deste jornal, por preços inferiores ao da fabrica, vende-se na casa Jordão, Guise & C. Guimaraes.